

em defesa da pesquisa

A exterioridade do trabalho vivo e o marxismo criativo latino-americano: notas entre texto e contexto acerca da trilogia de Dussel sobre Marx

Exterioridad del trabajo vivo y marxismo creativo latinoamericano: notas entre texto y contexto acerca de la trilogía de Dussel sobre Marx

Living labor's exteriority and creative Latin-American Marxism: notes between text and context to read Dussel's trilogy on Marx

Pedro Pompeo Pistelli Ferreira¹

¹ Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Direito, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: pedro.pistelli.ferreira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2532-8593>.

Submetido em 29/12/2023

Aceito em 22/05/2024

Pré-Publicação em 13/06/2024

Como citar este trabalho

PISTELLI FERREIRA, Pedro Pompeo. A exterioridade do trabalho vivo e o marxismo criativo latino-americano: notas entre texto e contexto acerca da trilogia de Dussel sobre Marx. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, Brasília, v. 10, n. 2, p. 479-511, jul./dez. 2024.



InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais

v. 10 | n. 2 | jul./dez. 2024 | Brasília | PPGDH/UnB | IPDMS | ISSN 2447-6684

Primeiro volume do dossiê *Pachukanis, insurgências e práxis: 100 anos de "Teoria geral do direito e marxismo"*, em coprodução com a **Revista Direito e Práxis**.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.

Este trabajo es licenciado bajo una Licencia Creative Commons 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.

A exterioridade do trabalho vivo e o marxismo criativo latino-americano: notas entre texto e contexto acerca da trilogia de Dussel sobre Marx

Resumo

Texto Este artigo busca compreender o Marx interpretado por Enrique Dussel na trilogia dusseliana de livros sobre o projeto de crítica da economia política marxiana. Metodologicamente, leem-se os textos a partir da análise documental e da teoria materialista da cultura de Echeverría. Assim, fez-se a análise do contexto de produção de cada uma dessas obras, permitindo compreender os objetivos buscados por cada uma delas. Identificou-se que a trilogia elaborada por Dussel deu-se em um contexto de exílio via perseguição política à filosofia da libertação e de acerto de contas com o marxismo no México. Assim, em suas produções, Dussel reviu suas posições anteriores sobre a obra de Marx e defendeu a presença do método analético e da exterioridade em O Capital.

Palavras-chave

Enrique Dussel. Marxismo. Filosofia da Libertação. América Latina.

Resumen

Este artículo busca comprender al Marx interpretado por Enrique Dussel desde la trilogía dusseliana de libros que miran el proyecto de crítica de la economía política marxiana. Los textos se leen desde el análisis documental y la teoría materialista de la cultura de Echeverría. Así, se analizó el contexto de producción de cada una de estas obras, comprendiéndose los objetivos que se persiguen en cada una de ellas. Se identificó que la trilogía creada por Dussel se desarrolló en un contexto de exilio por la persecución política de la filosofía de la liberación y de ajuste de cuentas con el marxismo en México. Así, en sus producciones, Dussel revisó sus posiciones previas sobre la obra de Marx y defendió la presencia del método analético y la exterioridad en El Capital.

Palabras-clave

Enrique Dussel. Marxismo. Filosofía de la liberación. América Latina.

Abstract

This article seeks to understand how Enrique Dussel reads Marx's work in his book trilogy that discusses Marx's critique of political economy. Methodologically, the texts are read with influences from contemporary documentary analysis and Echeverría's materialist theory of culture. Thus, the context of production of each of these works was noted, allowing us to see the objectives pursued on each of them. It was identified that the trilogy created by Dussel took place in a context of exile (which was caused by the political persecution directed at the philosophy of liberation) and settlement of scores with Marxism in Mexico. Thus, in his productions, Dussel reviewed his previous positions on Marx's work and argued for the presence of the analectic method and exteriority in Capital.

Keywords

Enrique Dussel. Marxism. Philosophy of Liberation. Latin America.

Introdução

O presente trabalho consiste em um esforço preliminar de investigação sobre a interpretação da produção teórica de Marx realizada pelo filósofo argentino-mexicano Enrique Dussel. Mais precisamente, selecionamos como objeto principal de pesquisa a trilogia de livros lançados pelo autor e destinados a apreender criativamente os movimentos da crítica da economia política em prol da realidade latino-americana¹. No caso, tratam-se de: 1) *La producción teórica de Marx: un comentario a los Grundrisse*, de 1985, e; 2) *Hacia un Marx desconocido: un comentario de los Manuscritos del 61-63*, de 1988; e 3) *El último Marx (1863-1882) y la liberación latinoamericana*, de 1990.

A pergunta de pesquisa que anima a leitura aqui empregada está intrinsecamente atrelada à metodologia de investigação que selecionamos e ao horizonte teórico que serve de sustentáculo a toda a argumentação que será realizada. Particularmente, partimos de uma escolha metodológica que é inspirada no encontro dos estudos contemporâneos de metodologia focados na análise documental² (entendida como uma análise mais ampla do que a simples análise do conteúdo presente em um texto, mas menos particular do que a análise de discurso, que praticamente funda um novo campo do conhecimento desde diálogos interdisciplinares específicos) com a teoria materialista da cultura de

¹ A trilogia em questão foi objeto de investigação de nossa tese de doutorado, preocupada em realizar um diálogo entre a crítica da forma-valor no marxismo latino-americano (com destaque para as obras de Dussel, Echeverría e García Linera) e a crítica da forma jurídica do marxismo soviético (Cf. Pistelli Ferreira, 2024). No caso, o presente artigo parte de resultados da pesquisa da tese, mas pretende focar na tarefa de contextualização e compreensão de como a trilogia de Dussel sobre a crítica da economia política de Marx acabou se formando. Portanto, o ambiente intelectual para além do texto assume protagonismo neste trabalho, enquanto na tese há uma dissecação mais detida das ideias apresentadas pelo filósofo argentino-mexicano em seus livros.

² Para a historiografia, por exemplo, um documento histórico é descrito como “a marca, perceptível aos sentidos, deixada por um fenômeno em si mesmo impossível de captar” (Bloch, 2002, p. 73). Outras mais recentes compilações metodológicas voltadas ao estudo desse gênero de objeto definem documentos como artefatos standardizados cuja produção deu-se no passado e sem a direta intervenção do pesquisador, mas que são apreendidos no presente (Silverman, 2015, p. 288; Wolff, 2004, p. 284). Nesse sentido, e já em diálogo com o marxista Bolívar Echeverría, entendemos que mesmo obras intelectuais têm uma materialidade: elas são produzidas por um sujeito que realiza mudanças na matéria a fim de transmitir uma mensagem a interlocutores imaginados dentro de um contexto específico, com alguma intenção buscada e com as devidas adaptações e antecipações necessárias de acordo com o que o produtor do documento pensa sobre si, sobre seu interlocutor e sobre o contexto que os media. No fim, essa materialidade não se refere apenas à sua produção, mas aos efeitos concretos e reais da ação produtiva pelo sujeito que produz um texto, seja ele um memorando, uma ata de reunião ou uma lei. Assim, textos teóricos também são resultados de uma práxis específica de intervenção na realidade e, portanto, cabe assediá-los com as clássicas questões: “quem produziu esse documento, com que objetivo e para quem?” (Flick, 2009, p. 233).

Bolívar Echeverría, que estipula uma aproximação entre o processo de produção/consumo de objetos práticos e o processo de emissão/recepção de significações (Echeverría, 2001, p. 96; 1998, p. 181-182).

Nesse sentido, as obras de Dussel selecionadas são, sem sombra de dúvidas, documentos passíveis de análise, conquanto tragam peculiaridades inerentes ao seu contexto de produção. Sabe-se, por exemplo, obras teóricas escritas por intelectuais marxistas têm uma particularidade se comparadas à imensa maioria de outros documentos produzidos na sociedade contemporânea, porquanto, por um lado, são o que Bloch (2002) chamaria de testemunhos voluntários e Atkinson e Coffey (2004, p. 57), por sua vez, denominariam “materiais preocupados com a autoapresentação”. Logo, são produções semiótico-materiais escritas para serem lidas, idealmente, por uma ampla gama de pessoas e visam atingir o debate público. Concomitantemente, tratam-se de intervenções intelectuais realizadas por autores que não buscam escamotear as intenções políticas de suas pesquisas: são, geralmente, intelectuais anticapitalistas radicalizados preocupados com a mudança da realidade que lhes circunda (Löwy, 1979, p. 19). Logo, nosso objeto de pesquisa é um conjunto de obras altamente intencionais e isso deve ser levado em conta no momento de sua investigação.

Assim, os livros publicados por Dussel podem ser visualizados como produções materiais com certos fins e que operam dentro de certos contextos. Desvelar esse contexto e os objetivos de cada obra há de servir, conseqüentemente, como um pressuposto para interpretar o pensamento do filósofo da libertação argentino-mexicano. Logo, desvelar esse intrincado jogo entre texto e contexto é um momento antecedente de uma pesquisa mais profunda, quando o pesquisador poderá verticalizar o decifrar de seu objeto a partir de problemas de pesquisa mais específicos, o que não significa, no entanto, subscrever a ingenuidade de imaginar que esses momentos nunca se interpenetram e influem um no outro

Dessa maneira, o objetivo de nossa pesquisa pode ser delimitado como o de desvelar o contexto de cada uma das obras que fazem parte da trilogia dusseliana sobre a crítica da economia política de Marx. Essa tarefa tentará ser realizada desde esforços de conexão do texto teórico com a vida de Dussel (um sujeito político que não ficou encastelado em círculos acadêmicos) e com todo um ambiente de debate intelectual que lhe absorvia, dentro do qual encontraremos produções que tanto inspiram quanto provocam ou questionam o pensamento do filósofo argentino-mexicano. Destarte, nossa ordem de exposição será a seguinte: em um primeiro momento, realizaremos um apartado biográfico do autor estudado, de modo a abarcar o início de sua produção até o contexto específico quando começa a escrever as obras analisadas; posteriormente, escrutinaremos cada um dos textos,

seguindo a sua ordem cronológica e, então, realizaremos um esforço de conexão entre o conteúdo neles presente e os objetivos buscados pelo filósofo argentino-mexicano para intervir na realidade e no debate público sobre o legado do pensamento de Marx.

Nesse processo, chegamos à percepção de que a trilogia dusseliana é oriunda de um contexto intelectual e material específico (o exílio mexicano em decorrência da violência política que se alastrou na Argentina), o qual forçou Dussel a elaborar um acerto de contas com Marx e com os marxistas. Esse processo, no entanto, não culminou no caminho previamente antecipado pelo jovem professor recém-chegado em território estrangeiro; teve como resultado, na verdade, a formulação de um coquetel teórico-explosivo capaz de conjugar a filosofia da libertação que ajudou a fundar em sua terra natal e o marxismo rigoroso dos textos e rascunhos da crítica da economia política. Assim, propomos que o trio de livros escritos dentro desse contexto representa um autêntico marxismo criativo latino-americano que conjuga uma análise rigorosa da forma-valor (em detrimento da retórica jurídico-proprietária dos meios de produção) com um envolvimento direto nas lutas concretas e anticoloniais na América Latina, preocupadas com a fome de um povo acossado pelos golpes da superexploração e da dependência.

1 Da experiência originária da alteridade ao encontro com Marx: incursão biográfico de Dussel de sua juventude à formulação da trilogia

Tal como argumentado na introdução, faz-se necessária uma breve biografia³ de Dussel cujo principal intento não consiste em abordar extensivamente a totalidade da obra dusseliana, mas sim em contextualizar os livros selecionados para discussão, situando-os na fase específica que eles representam do projeto teórico defendido pelo filósofo argentino-mexicano, o que, por sua vez, há de nos permitir a percepção dos temas e teses principais contidas em cada uma das obras selecionadas, expondo também as conexões dela com a discussão mais geral acerca do marxismo.

Enrique Domingo Dussel Ambrosini nasceu em Mendoza (Argentina), no ano de 1934. Forma-se em filosofia pela Universidade Nacional de Cuyo em 1957 e logo em seguida traslada-se à Europa para obter seu doutorado em filosofia na

³ Para alguns esforços mais sistemáticos de elaborar uma exposição biográfico-intelectual de Dussel, Cf. Mendieta, 2001, p. 17-29; 2003; Mendieta; Allen, 2021; Mills, 2018, p. 1-16; Teruel, 2016, p. 31-96; Matos, 2008; Carbonari, 2015. Além disso, indicamos também os esforços autobiográficos realizados pelo próprio autor (Dussel, 1998; 1994a).

Universidade Complutense de Madri no ano de 1959. Entre 1959 e 1961, viveu uma experiência profundamente marcante: influenciado por Paul Gauthier, instalou-se peregrinamente em um Kibutz em Israel destinado ao amparo de refugiados palestinos, onde trabalhou como carpinteiro e viveu uma experiência comunitária⁴, deparando-se com uma série de questões indissociáveis do que viria a ser sua filosofia da libertação, com destaque para a temática da pobreza, cuja expressão subjetiva remete-o à constante procura pelos *pobres* em sua filosofia⁵. Em 1961, muda-se para Paris e retorna ao ambiente universitário, de modo a obter um mestrado em Estudos da Religião pelo Instituto Católico de Paris em 1965 e um doutorado em história pela Sorbonne em 1967. Em 1968, regressa à sua cidade natal e começa a lecionar na Universidade Nacional de Cuyo, onde, em parceria com outros filósofos argentinos, descobre a crítica de Levinas à ontologia heideggeriana (Mendieta, 2003, p. 5) e, atando essas descobertas à sua preocupação com a América Latina, começa a defender a urgência de uma filosofia da libertação latino-americana⁶.

⁴ Eis uma recordação de Dussel sobre o período e suas consequências: “la vida de comunidad entre los compañeros árabes junto a Paul Gauthier, abrieron mi mente, mi espíritu, mi carne, a un proyecto nuevamente insospechado. Ahora no era sólo América Latina; ahora eran los ‘pobres’ (obsesión de Paul Gauthier), los oprimidos, los miserables de mi continente lejano” (Dussel, 1998, p. 17).

⁵ Um momento transcendental para Dussel consistiu em uma conversa com Gauthier na qual o argentino relatava orgulhosamente sobre como Pizarro conquistou o Império Inca com poucos homens e, então, foi interpelado pelo francês: “¿Quiénes eran en aquella ocasión los pobres, Pizarro o los indios?”. Essa questão marcou profundamente e de imediato o pensar de Dussel: “Aquella noche, con una vela por toda iluminación, escribí a mi amigo historiador mendocino Esteban Fontana: ‘¡Algún día deberemos escribir la Historia de América Latina del otro lado, desde abajo, desde los oprimidos, desde los pobres!’. Era 1959, antes de muchas otras experiencias. Esta era la ‘experiencia originaria’ que se instalaba debajo de toda transformación epistemológica o hermenéutica futura.” (Dussel, 1998, p. 17).

⁶ O principal documento teórico que serve de registro do nascimento da filosofia da libertação é o livro coletivo *Hacia una filosofía de la liberación latinoamericana* (Ardiles; Assmann; Dussel, 1973). É nele, por exemplo, que Dussel pela primeira vez externaliza sua proposta do método analético (uma dialética que rompe com a totalidade desde a exterioridade do pobre como Outro do sistema) como proposta filosófica para fundamentar a libertação na América Latina: “lo que pretendemos es, justamente, una ‘filosofía bárbara’, una filosofía que surja desde el ‘no ser’ dominador. Pero, por ello, por nos encontramos más allá de la totalidad europea, moderna y dominadora, es una filosofía del futuro, es mundial, postmoderna y de liberación. Es la cuarta Edad de la filosofía y la primera Edad antro-po-lógica: hemos dejado atrás la fisio-logía griega, la teo-logía medieval, la logo-logía moderna, pero las asumimos en una realidad que las explica a todas ellas” (Dussel, 1973, p. 137). Tal como nos relata o próprio Dussel, a discussão coletiva travada em seminários sempre um foi um marco de fundação, consolidação e aprofundamento da filosofia da libertação como projeto: “Si es verdad que [a filosofia da libertação] se originó a fines de los 60s; explícitamente, y se hizo presente en el II Congreso Nacional de Filosofía de Argentina (1971) -lugar donde se nucleó el grupo originario, tales como Oswaldo Ardiles, Juan C. Scannone, etc.-, creció principalmente en la Semana Académica del Salvador de 1971. En dichas Semanas la de 1973 con la presencia de Salazar Bondy y Leopoldo Zea, dieron horizonte latinoamericano al acontecimiento.” (Dussel, 1994a, p. 78).

Aqui, temos de lidar já com questões teóricas centrais à nossa pesquisa, porquanto Dussel nunca abandonará o projeto da filosofia da libertação, o qual, por sua vez, está atrelado a um contexto de rica discussão teórica e política em *Nuestra América*, do qual podemos sublinhar a influência da Revolução Cubana (da qual destacamos o guevarismo de Camilo Torres, precursor não apenas de uma militância ecumênica revolucionária, mas também da sociologia da libertação⁷), da teologia da libertação (com destaque para a figura e influência de Franz Hinkelammert⁸), da teoria da dependência, da pedagogia do oprimido de Paulo Freire⁹ e, por fim, do debate sobre a autenticidade da filosofia latino-americana encampada por Salazar Bondy e Zea¹⁰. Ademais, no cenário de sua *Pátria Chica*, a filosofia da libertação argentina enunciava sua teoria desde o clima geral de retorno do peronismo especialmente em decorrência do forte movimento estudantil que protagonizou o Cordobazo em 1969, que suscitou a deterioração do governo de Juan Carlos Onganía (Dussel, 1998, p. 22-23; Dussel, 1994a, p. 69). Assim, os filósofos da libertação aproximavam-se politicamente da juventude peronista (cujo lema, em contraposição ao peronismo conservador, era o

⁷ Dussel rememora que ficou fascinado com uma reunião interdisciplinar com sociólogos na qual ouviu falar tanto de uma teoria da dependência quanto da necessidade de uma sociologia da libertação: “En un encuentro de sociólogos en 1969 en Buenos Aires, se habló de la ‘Sociología de la liberación’, donde, inmediatamente pensé en la posibilidad de una ‘Ética de la Liberación’ ya que ocupaba la cátedra de ética de la Universidad Nacional de Cuyo, en Mendoza [...]. Antes de leer, entonces, la obra de Salazar Bondy, en diciembre del 69, nació el tema” (Dussel, 1994a, p. 86-87).

⁸ A influência de Franz J. Hinkelammert não pode ser subestimada na formação da filosofia da libertação dusseliana, uma vez que o teólogo, filósofo e economista alemão já foi reconhecido pelo próprio Dussel como o maior teórico da teologia da libertação, um movimento religioso e intelectual que marcou profundamente o autor mendoncinco. Para além da centralidade, por exemplo, da *Crítica de la razón utópica* (Hinkelammert, 2002) para fundamentar a dimensão da factibilidade na filosofia da libertação de Dussel, Hinkelammert também foi pioneiro na concatenação teórica entre teologia da libertação, crítica da economia política e crítica da dependência na América Latina (Cf. Hinkelammert, 1970; 1983; 1990), o que consiste em uma tarefa de conjunção teórica que será resgatada por Dussel ao longo de toda a sua trilogia sobre o pensamento de Marx.

⁹ É atribuída a Paulo Freire a primeira aparição do conceito de libertação (Teruel, 2016, p. 72; Devés Valdés, 2003, p. 157). Portanto, suas obras iniciais como *Educación como práctica da liberdade* (Freire, 1967) e *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1974) servem como horizonte de exemplificação das teorias da libertação, absorvendo a crítica do colonialismo levantada por Fanon e depois por Guevara, bem como as bases do que seria a teologia da libertação e de um marxismo criador latino-americano profundamente influenciado pela Revolução Cubana.

¹⁰ Esse amplo cenário de influências foi destacado por Allen; Mendieta, 2021, p. 2-3; Devés Valdés, 2003, p. 157. Em sentido semelhante, há listagens que priorizam a reflexão filosófica sobre a América Latina (debate Zea-Bondy), o contexto político latino-americano (ditaduras militares e doutrina de segurança nacional estadunidense), a teologia da libertação e os movimentos de educação popular (a pedagogia do oprimido de Freire) (Pazello; Motta, 2013, p. 134-135). Para outra proposta (mais centrada na confluência das inquições filosóficas formuladas por Levinas, Salazar Bondy e Fanon, bem como a adequação desses pensamentos para serem manejados pela geração argentina do fim da década de 1960), Cf. Martín, 2019.

reivindicar de uma Pátria Socialista) e viveram o ápice de credibilidade política desse grupo durante o breve governo de Héctor Cámpora, que, representando as versões mais progressistas do peronismo, foi eleito para substituir o deposto ditador Onganía.

No entanto, logo a política argentina rearranjou-se e Perón colocou-se em condições para suscitar novas eleições por meio da renúncia de seu aliado político, as quais seriam ganhas com facilidade pela emblemática liderança argentina, e assim poderia governar em uma nova correlação de forças que priorizava os peronistas conservadores (alguns afiliados inclusive associavam-se à Aliança Anticomunista Argentina). Dentro desse cenário, os dois grupos peronistas (jovens *versus* conservadores) atacavam-se violentamente, e o próprio Dussel, conquanto não fizesse parte de nenhum dos grupos, sofreu um atentado a bomba¹¹ em sua casa -- o que lhe serviu como indício da capacidade crítica de seu pensamento¹² --, organizado pelo Comando Rucci. Com a morte de Perón, sua esposa Isabel assumiu o governo e consolidou a guinada conservadora e a repressão política aos estudantes socialistas nas universidades a partir do assim chamado Período Ivanissevich, o que fez com que o filósofo da libertação enfrentasse um clima de repressão, assassinatos e atentados¹³, que culminou na sua posterior expulsão da

¹¹ Cumpre lembrar que esse atentado ocorreu poucos dias antes da nova diplomação de Perón e, portanto, era marcado pela disputa política entre a libertação socialista e o populismo anticomunista, logo era fruto de um contexto caracterizado por movimentos descontínuos entre repressão e esperança, como nos lembra o próprio Dussel: “en Argentina se vivía la experiencia del retorno del poder popular, con una cierta esperanza de una revolución -aproximadamente como sería después el caso de Nicaragua. Es en ese horizonte de represión (recuérdese que el 2 de octubre de 1973 fui objeto de un atentado de bomba perpetrado por la extrema derecha del sindicalismo corporativista de los metalúrgicos, el ‘comando Ru[c]ci’, y sin embargo de optimismo, que mi ‘política’ refleja la situación concreta.” (Dussel, 1998, p. 22-23). Em outra oportunidade, também adenda: “El 23 de septiembre Perón es elegido por tercera vez como presidente. El día 25 es asesinado José Rucci -secretario general de la UOM, líder del sindicalismo peronista burocrático-. E 12 de octubre (a cinco años del Tlatelolco) estalló en mi casa una bomba de alto poder, colocada por el ‘Comando Rucci’, por ‘envenenar la mente de los jóvenes con la doctrina marxista’ - había comenzado la expulsión dentro del peronismo de los ‘infiltrados’-. Yo ni era peronista (y por lo tanto infiltrado), ni tampoco marxista (más bien, todavía, sólo hegeliano de izquierda, antihegeliano latinoamericano)” (Dussel, 1994a, p. 74).

¹² Na manhã seguinte ao atentado, Dussel proferiu uma conferência na qual refletiu sobre o tema e compara-se a Sócrates (Cf. Dussel, 1977, p. 139-145, Teruel, 2016, p. 49). Em posterior avaliação, Dussel volta a rememorar o incidente como sinal de que seu pensamento era verdadeiramente crítico (já desalambra a oposição entre um teoricismo afastado das lutas sociais e um praticismo distanciado de uma teorização profunda e rigorosa), ultrapassando o marxismo abstrato que não conseguia conectar-se às lutas sociais de seu tempo: “Porque partía de un pensamiento tradicional, porque me inscribía dentro de una historia popular; la filosofía de la liberación se les aparecía [aos anticomunistas] como infinitamente más crítica que los marxismos dogmáticos abstractos” (Dussel, 1994a, p. 75).

¹³ “Mientras tanto, nosotros, escribíamos durante 1973 la ‘erótica latinoamericana’ y la ‘pedagógica’. En 1974 tocaba ya lugar a la ‘política’ (el tomo IV de la Ética). La tristeza y el dolor empañaba

Universidade de Cuyo, em conjunto com metade dos estudantes da instituição¹⁴. Sem emprego, acossado e ameaçado, Dussel via-se novamente na posição de Sócrates, um filósofo condenado a abandonar sua pólis. Para o argentino, no entanto, havia outra opção para além da morte ou o exílio da terra que enraíza o pensar do filósofo comprometido (“una muerte más temible que la muerte física”): o abandono da Pátria Pequena e a tentativa de continuar o projeto da filosofia da libertação latino-americana no México, parte da Pátria Grande sem a qual a corporalidade pensante do autor não poderia funcionar autenticamente (Dussel, 1994a, p. 109)¹⁵.

Consequentemente, partiu para o exílio na Cidade do México, onde logo assumiu a cátedra de professor na Universidade Autônoma Metropolitana de Iztapalapa e na Universidade Nacional Autônoma do México. Ali, ainda sem acesso direto à sua biblioteca (que foi em parte danificada pelo atentado à bomba que sofreu e de resto abandonada momentaneamente, dada a urgência de sua mudança), dedicou-se a duas tarefas condizentes com tal situação material: a redação da obra *Filosofía de la liberación*, publicada como um manifesto e resumo de suas propostas anteriores redigidas de memória¹⁶, e o estudo detido e metuculoso de toda a obra de Marx nos Seminários de Filosofia política, de modo a atender tanto o desafio da ausência de seu acervo de livros, a necessidade de responder as acusações de Cerutti (2006), em especial a de ser um populista antimarxista, e a urgência de afiar

nuestra mente. [...] Una noche oscura nos iba envolviendo y comprendíamos que tocábamos el fin de una época. Nuestras clases en la Universidad Nacional de Cuyo hasta noviembre de 1974 iban a ser las últimas por muchos años en la Argentina. Los asesinatos se acercaban; las bombas eran de escucharlas cada noche. Un amigo tiroteado; otro herido; una alumna muerta a palos... Susana Bermejillo...” (Dussel, 1994a, p. 77).

¹⁴ “El 50% de los alumnos fueron igualmente excluidos. ¿Cómo? Simplemente: en la puerta de la universidad había dos ‘mafiosos’ con armas. Las nuevas autoridades daban un carnet de entrada a la Facultad a los alumnos que les eran leales. Los otros alumnos no pudieron entrar nunca más a la Facultad -fueron excluidos de facto, por la fuerza de las armas-. La barbarie lo había invadido todo.” (Dussel, 1994a, p. 77-78).

¹⁵ “En este nivel Sócrates fue muy claro y decidido, y nos enseña el camino a seguir. Para el filósofo vivir en el destierro es morir una muerte más temible que la muerte física. Es ya no poder pensar. En realidad, para nosotros, nuestra pólis, tiene mayores dimensiones que Atenas. Nuestra ciudad es América Latina. No querría con ello justificarme, sino expresar una convicción ya lejana en el tiempo: nuestra patria es la patria grande (América Latina) y la patria chica (para mí Argentina) es parte de la patria real, histórica. Sócrates no podría abandonar la lucha, el lugar de su compromiso. Nosotros tampoco abandonaremos el lugar de la lucha mientras sea posible. Sin la ciudad quedaba a la intemperie: no podía ya pensar.” (Dussel, 1994a, p. 109).

¹⁶ Sobre o caráter testemunhal desta obra, Teruel (2016, p. 58) argumenta: “a su libro *Filosofía de la liberación* no hay que prestarle atención solo a los argumentos desarrollados en él, sino que hay que leerlo como un testimonio, pues es un libro, ha dicho, ‘escrito con sangre’. Es un libro que Dussel escribió en México al llegar en el exilio y con el cual cierra una etapa, la Argentina, puesto que allí no pudo terminarse y ya en México comenzaba otra. Es un libro escrito durante tres meses los fines de semana, y Dussel lo piensa como un testamento”. Cf. también Mills, 2018, p. 12.

sua interpretação do marxismo, corrente de pensamento incontornável e influente no contexto mexicano¹⁷. Desse processo emana a sua trilogia sobre Marx, na qual Dussel narra uma descoberta quase profética (uma verdadeira revelação teórica) do texto marxiano, o que lhe permitiu identificar não apenas a superação da ontologia hegeliana por meio de uma analética do trabalho vivo mas também um Marx que, em seus manuscritos inéditos e em sua crítica da economia política, tinha mais a falar e ensinar para a América Latina do que para a Europa. Assim, o filósofo argentino-mexicano manterá essas descobertas durante todo o resto de sua produção, de modo a não apenas usar o legado marxiano como confirmação da validade do projeto da filosofia da libertação: as categorias da crítica da economia política irão rearranjar radicalmente a percepção de Dussel sobre a dimensão econômica da libertação e lhe servirão de modelo metodológico basilar para a investigação de qualquer novo objeto filosófico¹⁸.

Portanto, a sua trilogia situa-se em um contexto e um espaço teórico específico e, como qualquer documento -- afinal, também é um produto material da prática humana voltado a realizar modificações na realidade¹⁹ --, nasce de disputas, de interesses e de objetivos específicos, sempre levando em conta os interlocutores com os quais se discute e também uma audiência pública que absorve e consome as produções teóricas de cada autor. Em Dussel, não há escassez de adversários no campo filosófico e político: para além do já citado Cerutti, há profusas menções críticas ao marxismo dogmático de corte staliniano (frise-se que as obras foram escritas durante a *perestroika* e o argentino-mexicano chega a replicar acriticamente Gorbachyov em certos momentos), ao marxismo althusseriano que se alastrava pela América Latina, ao pós-marxismo que pretendia superar Marx sem recuperar

¹⁷ Teruel (2016, p. 91) elabora uma síntese sobre a incontornabilidade da obra marxiana no contexto de Dussel: "Hacia mediados de 1970, Marx será el lenguaje de la UNAM". Nessa esteira, para conseguir transitar no espaço político-intelectual mexicano, foi necessário apreender a obra de Marx e conseguir comunicar-se a partir dela, sem, no entanto, perder o sotaque característico da filosofia da libertação.

¹⁸ Nesse sentido, concordamos integralmente com Ortega (2018a, p. 55) quando afirma que os filósofos da libertação reduzem a contribuição desse aprofundamento de Dussel em Marx à análise da "econômica", e isso é uma interpretação insuficiente das marcas dessa fase no pensamento dusseliano. Utilizando o próprio autor (Dussel, 1990, p. 304-308), podemos dizer que seus intérpretes fazem com Dussel o que Marcuse fez entre Marx e Hegel: não percebem qualquer avanço no núcleo ético-filosófico da teoria do filósofo da libertação mendocino, mas tão somente uma aplicação regional desse núcleo imutável na questão da economia.

¹⁹ Aqui, já absorvemos as considerações de Echeverría (2010) sobre a materialidade da comunicação humana e a possibilidade de aplicar a filosofia da produção de Marx ao processo comunicativo. Conectamo-las, então, com as delimitações clássicas de estudos sobre objetos documentais, mas sempre com esse giro materialista echeverriano em mente.

rigorosamente o seu pensamento, bem como autores afastados (Rawls e Friedman) ou em vias de se afastar do marxismo (Habermas, especialmente).

De todo modo, o centro de gravitação contextual da intervenção dusseliana está no enfrentamento da aliança provisória entre o marxismo dogmático de origem staliniana -- que opera com um “materialismo cosmológico” ingênuo, de modo a tentar transformar a obra de Marx em uma ciência geral universal na qual se afirma um domínio ingênuo da matéria sobre o ser (materialismo dialético²⁰) --, por um lado, e, de outro, o marxismo de corte althusseriano que se propagou pela América Latina durante as décadas de 1960 e 1970, geralmente associando-se a versões simplificadoras do marxismo e do pensamento do próprio Althusser²¹, em especial a partir de seus pupilos no subcontinente (com destaque para Régis

²⁰ Toda a complexidade do real seria subsumida a um método dialético que lê a realidade como um “processo de desenvolvimento do inferior ao superior” e que, no campo dos fenômenos sociais, culminaria na aplicação das leis da dialética da natureza à realidade social e embasada na “descoberta” de que a força principal de explicação de todos os períodos históricos é a produção material das sociedades, dividida em forças produtivas e relações de produção. Assim, seria possível, como sugere Stálin, inventariar as mudanças históricas de acordo com o movimento de desenvolvimento das forças produtivas, as quais seriam correspondentes à linha ascendente de relações de produção, que seguiria esta ordem de estágios: 1) a comuna primitiva; 2) a escravatura; 3) o regime feudal; 4) o regime capitalista; e 5) o regime socialista (Stálin, 1982, p. 132, 142-144, 148-149). Quando Dussel critica o materialismo cosmológico ingênuo, ele está polemizando diretamente com essa difusão do *diamat* (Dussel, 2010; 1988; 1990).

²¹ De outro lado, é possível dizer que houve no México uma recepção mais complexa e refinada do pensamento althusseriano, do qual destacamos especialmente a obra de Carlos Pereyra (editor de *Cuadernos Políticos* junto com Echeverría e Marini, por exemplo), que foi marcada por uma recepção de Gramsci conjuntamente com a crítica althusseriana ao humanismo que teleologiciza a história (Cf. Ortega, 2015; 2018b, p. 44-48), enquanto no Brasil a difusão do teórico sardo esteve atrelada a autores lukácsianos (Konder e Coutinho). Não à toa, houve uma recepção mexicana do filósofo francês bastante cimentada desde uma crítica ao humanismo do sujeito transcendental, o que permitiu, por exemplo, uma aproximação com o pensamento foucaultiano (Ortega, 2020), o que é radicalmente oposto à construção do althusserianismo universitário brasileiro, que se formou em parte pela rejeição ao foucaultianismo prevalente nas universidades nacionais (Cf. Boito Junior, 2007, p. 17-38). Por outro lado, essa conexão nos ajuda a pensar nas razões de um marxista althusseriano como Márcio Bilharinho Naves ter a contribuição de Foucault em alta conta quando empregada, por exemplo, pela criminologia crítica de Melossi e Pavarini (Cf. Naves, 2009, p. 22-23). Para mais apresentações sobre o althusserianismo no México, Cf. Teruel, 2016, p. 92; Burgos, 2004, p. 231-235; Illades, 2018.

Debray²² e Marta Harnecker²³), de modo a culminar em um novo resgate cientificista da obra de Marx, situando-o como um pensador que faz ciência porque teria descoberto a preeminência da base sobre a superestrutura na explicação dos eventos históricos e políticos. Tratava-se de uma síntese teórica influenciada por Althusser, pelo maoísmo e pelo marxismo soviético tradicional²⁴, em razoável contradição com o marxismo latino-americano castrista e guevarista que emergiu com a Revolução Cubana²⁵.

Nesse sentido, o trabalho de Dussel filia-se sem qualquer vacilação à tradição inaugurada pelas ações dos revolucionários do Movimento 26 de Julho e continuada com toda força à época pela Frente Sandinista de Libertação Nacional na Nicarágua. Assim, sua proposta é a de assentar as bases para um marxismo sandinista e farabundista desde a redescoberta do Marx verdadeiro (Dussel, 2010, p. 25), abarcando seus manuscritos e a totalidade de sua crítica da economia política. Aqui ele encontra não um economista cientificista e árido empirista, mas sim um autor profundamente filosófico (o ápice do Marx ético seria justamente o *d'O Capital*) e cuja tese central já estaria delineada na primeira redação de sua obra magna: isto é, a afirmação da exterioridade do trabalho vivo perceptível nos *Grundrisse*. Daqui, pôde assentar uma concepção de ciência que não se opõe

²² Régis Debray foi um estudante de Althusser que vivenciou a experiência da Revolução Cubana e que teve a oportunidade de dialogar tanto com Guevara quanto com Castro. Posteriormente, reuniu as deduções de sua estada em Cuba no livro *A revolução na revolução?*, que popularizou a interpretação do foquismo sobre o movimento de libertação cubano (Cf. Debray, 1967). Uma das primeiras polemizações de fundo contra a interpretação foquista sai da pena de Vânia Bambirra, que, já em 1973, argumenta que o sucesso da experiência cubana só era explicável por sua conjunção entre os métodos de luta e pela aproximação do movimento guerrilheiro ao movimento de massa nacional, enfatizando-se, inclusive, a centralidade do movimento operário cubano, comumente invisibilizado pela literatura latino-americana, que, quando supera as explicações jacobinas e voluntaristas, costuma fixar-se apenas no campesinato como agente da revolução (Cf. Bambirra, 1974).

²³ Harnecker é a autora latino-americana (para além de seus pupilos europeus) diretamente citada por Dussel para descrever o althusserianismo. “Por su parte, Althusser (quien nace en Argelia, parte efervescente del Tercer Mundo) y los althusserianos (como Étienne Balibar, Maurice Godelier, Nicos Poulantzas y, en América Latina, Marta Harnecker) se oponen al ‘marxismo occidental’ y al ‘marxismo humanista’ —este último casi exclusivamente francés” (Dussel, 1990, p. 312). Ou seja, o próprio Dussel elege os manuais de Harnecker (1969) como oposição teórica principal e, a princípio, referenda as críticas ao althusserianismo já delineadas por Sánchez Vázquez (1982).

²⁴ O manual de Harnecker (*Los conceptos elementales del materialismo histórico*) provavelmente é a melhor síntese dessa conjunção (1969). Ali, Althusser, Lênin, Stálin e Mao Zedong são apresentados quase em bloco e não há espaço para as teses, escritos e discursos nem de Guevara e nem de Castro. Marini, inclusive, em sua famosa resposta a Cardoso e Serra, tece críticas a esse althusserianismo/maoísmo que se propagava na América Latina (Marini, 2008c, p. 180-182).

²⁵ Para um resgate contemporâneo dessa discussão, feita por um anti-althusseriano guevarista, Cf. Kohan, 2008, p. 103-109.

propriamente à ideologia, que toma o lado das vítimas, de modo a romper com o fetichismo (este sim o antípoda do pensamento científico [Dussel, 1988, p. 218]).

Logo, o conceito central da crítica da economia política não seria a totalidade do movimento do capital, mas sim a exterioridade do trabalho vivo, como fonte criadora do ser do valor, cuja descoberta implica um profundo questionamento da sociabilidade capitalista (*O Capital* é a mais radical ética escrita durante a modernidade). Portanto, a trilogia de Dussel é um esforço de realizar uma leitura criativa e sistemática da crítica da economia política para a América Latina, região do mundo cuja radicalidade de sofrimento implica um resgate radical do pensamento marxiano e das quatro redações de sua principal obra²⁶. Nas palavras do próprio filósofo argentino-mexicano:

Mi tarea no ha pretendido ser sobre todo teórica, sino también práctica, política. Era necesario desbloquear a Marx; descubrirlo de nuevo; dejarlo "abierto" a prolongaciones no dogmáticas, adecuadas a nuestra realidad latinoamericana. Estoy sumamente feliz de aportar a nuestro continente intelectual la panorámica de este nuevo Marx, el que necesitan la "perestroika" y los procesos de "rectificación" en los socialismos realmente existentes. No deja de ser interesante que haya sido América Latina la primera en "digerir" un Marx ante el cual los "posmarxismos" de moda son simplemente atrasados, superados: son "posmarxistas" de un Marx althusseriano, staliniano, etcétera, pero con una posición de ignorancia respecto a este "nuevo" Marx histórico (¡real!). Éste es el Marx del futuro, al que esperamos cultive la nueva generación teórica latinoamericana (Dussel, 1990, p. 134).

Feito esse breve incursão na biografia de Dussel, a fim de identificar o contexto mais geral de onde e como ele se posiciona, podemos passar agora para um panorama dos principais objetivos buscados pelo autor na redação de sua trilogia sobre Marx. Aqui, pretendemos externalizar as principais teses de cada obra e suas conclusões mais gerais em conexão com a discussão que fizemos acima. Dessa maneira, será possível sintetizar em linhas gerais o argumento dusseliano enquanto se abre o caminho para, enfim, fortalecer a nossa percepção de que o marxismo apresentado pelo filósofo argentino-mexicano destaca-se como um autêntico marxismo criativo latino-americano.

²⁶ Dussel foi o primeiro autor no mundo a publicar um comentário que analisa a integralidade das quatro redações d'*O Capital* (ou cinco, se considerarmos as mudanças da segunda edição e da edição francesa). Como sintetiza Teruel (2016, p. 92), "Dussel ha estudiado, entonces, la arqueología de la construcción de las categorías centrales del pensamiento de Marx. Por eso es que Dussel se jacta, y creemos que con razón, de conocer a Marx con microscopio".

2 Exterioridade, ciência e libertação: panorama entre texto e contexto da trilogia dusseliana sobre Marx

Aqui, pretendemos sintetizar ao máximo as descobertas de Dussel em cada obra (*La producción teórica de Marx*, de 1985, *Hacia un Marx desconocido*, de 1988, e *El último Marx y la liberación latinoamericana*, de 1990), conectando-as ao contexto geral de sua produção até o momento de formulação final da trilogia. Trata-se de momento necessário para situar o que o autor almeja alcançar com cada um de seus textos, o que, conseqüentemente, permite-nos compreender o manejo de categorias com as de forma-valor e de trabalho vivo, bem como para nos permitir a identificação da conexão realizada entre uma leitura rigorosa das minúcias do texto marxiano e uma postura política comprometida com a realidade latino-americana e com as lutas anticapitalistas concretas que surgem nessa região.

2.1 O assombro diante de um Marx analético e latino-americano: a exterioridade do trabalho vivo contra o marxismo dogmático

A produção teórica de Marx: um comentário aos Grundrisse, texto originalmente pensado com o título *Para ler os Grundrisse* -- eis mais uma referência ao enfrentamento teórico com os althusserianos (Dussel, 1990, p. 315) --, constitui “o primeiro importante estudo em profundidade dos *Grundrisse* em espanhol” (Ribas; León, 2008, p. 237) e a primeira aproximação criativa de Dussel aos textos marxianos e às redações d’*O Capital*, de modo a expressar os avanços obtidos durante as discussões do Seminário de Filosofia Política que ministrou na UNAM. Trata-se de uma leitura arqueológica e direta de Marx em seu laboratório, um processo lento, minucioso e que acompanha as idas e vindas da construção de categorias da crítica da economia política. Aqui, segundo Dussel (2010, p. 11), entramos no Marx da maturidade (sem referendar a tese althusseriana do corte epistemológico) e descortinamos o “ponto de partida definitivo das suas descobertas críticas relacionadas ao capitalismo”.

Como já indicamos anteriormente, o filósofo mendocino escreve esse texto atravessado pelo emparedamento do exílio²⁷, em condições materiais dificultosas

²⁷ Apesar de não ter abandonado sua Pátria Grande, há sinais de estranhamento evidente no pensamento de Dussel durante o exílio, um choque de realidade expresso com profundidade em um poema de outro argentino exilado: “No debiera arrancarse a la gente de su tierra o país, no a la fuerza. La gente queda dolorida, la tierra queda dolorida./ Nacemos y nos cortan el cordón umbilical. Nos destierran y nadie nos corta la memoria, la lengua, las calores. Tenemos que aprender a vivir como el clavel del aire, propiamente del aire./ Soy una planta monstruosa. Mis raíces están a miles de kilómetros de mí y no nos ata un tallo, nos separan dos mares y un océano.

do trabalho investigativo (mormente a ausência de acesso direto à sua biblioteca pessoal) e premido a aprender uma nova língua intelectual para comunicar-se no espaço universitário mexicano. Sem dúvida alguma é no primeiro livro de sua trilogia sobre Marx que esse contexto se expressa mais visceralmente, em que seu discurso desponta mais apaixonado e entusiasmado com as descobertas com as quais se depara.

Nesse sentido, a tese central delineada é a de que os *Grundrisse* representam o fio condutor capaz de reanimar a releitura do verdadeiro Marx para a América Latina (o que inclusive faz com que um capítulo seja dedicado a pensar a dependência latino-americana desde o método do filósofo alemão): não o Marx cientificista do binômio base-superestrutura difundido pelos althusserianos e nem o Marx hegeliano, mero reproduzidor da totalidade, disseminado pelo marxismo ocidental (em especial Lukács, Kosik e Marcuse) e, em alguma medida, pelo próprio Dussel em sua interpretação inicial de Marx²⁸. Portanto, a reflexão dusseliana é marcada essencialmente por uma ruptura em seu pensamento não apenas no que tange à

El sol me mira cuando ellas respiran en la noche, duelen de noche bajo el sol.” (Gelman, 1980, p. 629). Obviamente, as situações de Juan Gelman (exilado pela ditadura militar em Roma) e de Dussel (expulso do país durante a virada conservadora da volta peronista para o México) não são idênticas, mas compartilham o choque cultural de ser expulso de suas raízes e de sua terra. O filósofo, inclusive, tem uma relação mais ambivalente com o exílio: de um lado, reconhece a sensação de estar “fora do lugar” e desenraizado por seu discurso teórico ser pensado desde a particularidade argentina (mais do que se imaginava anteriormente, inclusive); por outro, o exílio é também uma oportunidade não apenas de se acostumar a voltar a dormir de noite sem medo de atentados, mas de aprender novas línguas nacionais e tornar-se mais latino-americano, é momento de autocrítica mas também daquela vitória moral de quem sente que, se seu discurso é perigoso, é porque tem méritos na crítica do poder instituído e vazão na realidade decorrente de “una articulación real con los movimientos de las clases oprimidas” (Cf. Dussel, 1994a; 1994b, p. 112).

²⁸ A princípio, Dussel interpretava Marx como um reproduzidor, em última instância, do método dialético hegeliano: isto é, como alguém que se limita à descrição do Ser em sua essência como uma totalidade que se expande ilimitadamente, de modo a absorver e subsumir todos os entes dentro de sua lógica. Aqui, não haveria espaço para a exterioridade do Outro, para a alteridade, para um cara-a-cara radical com o sofrimento do pobre, mas apenas uma descrição do curso de libertação da história na qual o proletariado seria apenas uma marionete movida pelos ares imparáveis do progresso, passíveis de descoberta por meio de uma análise da realidade material. “Marx invertirá esta primacia [do espírito à natureza material] pero se mantendrá, sin saberlo, dentro del horizonte ontológico del sistema: será sólo una inversión epifenomenal dentro de un todo ni tocado, ni pensado, pero supuesto”. Assim, “La categoría de totalidad, como tal, no ha sido superada. La posibilidad de un sistema que surgiera desde fuera, desde la exterioridad del capitalismo es imposible. Al fin la ontología dialéctica sigue rigiendo y el proceso dialéctico es formalmente, como para Hegel, el despliegue creciente con salto cualitativo (porque cuantitativo) del ser, ahora como trabajo” (Dussel, 1974, p. 89 e 148). No entanto, a detida análise do laboratório teórico de Marx o fará encontrar em Marx a exterioridade do trabalho vivo e um método propriamente analético de investigação. Em síntese, “The Marx Dussel discovered is what we would call today, of course anachronistically but entirely suggestively and appropriately, a Levinasian Marx” (Mendieta, 2003, p. 9). Para uma exposição detalhada desse processo de descoberta, Cf. Ludwig, 2018.

avaliação da obra marxiana (de genial dialético que focou sua análise no trabalho e na relação homem-natureza a analítico incontornável para pensar a libertação latino-americana), mas também na reformulação de algumas bases de seu pensamento, abarcando principalmente a apreensão do campo econômico²⁹, sem deixar de lado avanços filosóficos propriamente ditos.

Dussel não deixa de registrar explicitamente a surpresa de cunho quase profético (trata-se de uma autêntica *revelação* que o assola) que lhe assalta diante do deparar-se com os textos inéditos da primeira redação d'*O Capital*. Portanto, é incontornável citar diretamente seu testemunho, a fim de acessar a dimensão profunda que esse encontro filológico assume para o filósofo argentino-mexicano:

Cuál no será mi asombro al leer las líneas que copio de inmediato. No las había pensado nunca hasta este momento –aquí en Oaxtepec, en diciembre de 1983³⁰. Algunos colegas me aconsejaban simplificar la *Filosofía de la liberación* y hacerla más comprensible. Otros colegas hasta han ironizado la cuestión de la exterioridad, el otro como nada de sentido, el más-allá metafísico del ser, etc., tesis fundamentales de nuestro pensamiento. Ante el texto que copiamos, esperamos, pueda surgir una nueva generación filosófica que tome con respeto cuestiones de fondo, profundas. Marx nos lo autoriza. Léase con detenimiento esta larga cita que explicaremos por partes, después (Dussel, 2010, p. 191).

O trecho copiado consiste na descrição feita por Dussel de sua reação diante da passagem³¹ em que Marx originariamente começa a trabalhar a contradição entre

²⁹ Nessa esteira, é fundamental ler uma das últimas obras de maior fôlego de Dussel, *16 Tesis de Economía Política*, na qual a influência de Marx e d'*O Capital* ainda é facilmente discernível (Dussel, 2014), o que, enfim, valida e reforça a classificação do pensamento dusseliano como marxista, ainda que bastante heterodoxo.

³⁰ Note-se que Dussel descreve uma rememoração sinestésica da experiência de ver-se diante de um texto fundamental para modificar sua concepção de mundo. Em especial, é discernível sua menção ao lugar físico onde estava quando passou por esse momento. O filósofo argentino-mexicano faz uma descrição muito semelhante sobre a conversa que teve com Paul Gauthier e percebeu que deveria reescrever a história da América Latina desde o ponto de vista dos pobres (Dussel, 1998, p. 17). Cremos, portanto, que poucos casos da vida de Dussel são tão transcendentais quanto esse contato com a exterioridade em Marx.

³¹ Eis o trecho de acordo com a edição brasileira: “A separação da propriedade do trabalho aparece como lei necessária dessa troca entre capital e trabalho. O trabalho, posto como o não capital enquanto tal, é: 1) trabalho não objetivado, concebido negativamente (no entanto objetivo; o próprio não objetivo em forma objetiva). Enquanto tal, o trabalho é não matéria-prima, não instrumento de trabalho, não produto bruto: trabalho separado de todos os meios e objetos de trabalho, separado de toda sua objetividade. O trabalho vivo existindo como abstração desses momentos de sua real efetividade (igualmente não valor): esse completo desnudamento do trabalho, existência puramente subjetiva, desprovida de toda objetividade. O trabalho como a pobreza absoluta: a pobreza não como falta, mas como completa exclusão da riqueza objetiva. Ou ainda, como o não valor existente e, por conseguinte, valor de uso puramente objetivo, existindo sem mediação, tal objetividade só pode ser uma objetividade não separada da pessoa: apenas uma objetividade coincidente com sua imediata corporalidade. Como é puramente imediata, a

o trabalho vivo [*lebendige Arbeit*] e o capital, momento que o filósofo argentino-mexicano caracteriza como “a página filosófica mais importante de Marx nos *Grundrisse*” (Dussel, 2010, p. 192) e, posteriormente, “o texto ‘meta-físico’ central de todo o pensamento de Marx” (Dussel, 1990, p. 366). Esse argumento embasará (por certo, ao lado de outras centenas de citações diretas de Marx) o fio condutor da interpretação dusseliana das redações da crítica da economia política: o trabalho vivo como categoria central, onde todo o discurso crítico sobre o capital-em-geral começa e também termina (Dussel, 2010, p. 467).

Daqui, Dussel retira a primeira de suas teses sobre o Marx dos *Grundrisse*: ele não é apenas um dialético da totalidade como se pensava, mas reproduz originariamente o que os filósofos da libertação, inspirados em Lévinas, denominam método analético (Dussel, 2010, p. 196 e 508). Ou seja, o pensamento marxiano está caracterizado pela identificação de uma exterioridade que interpela os limites da totalidade do capital e, no caso, esse ser-inequivocamente-outro é justamente a *fonte criadora* do fundamento último de acumulação e reprodução do capital. Ou seja, se a base de existência mesma da totalidade capitalista é o mais-valor, quem o cria desde-o-nada é justamente o não-valor, o não-capital, o *trabalho vivo* como corporalidade desnuda e como capacidade de transformar a matéria do trabalhador (Dussel, 2010).

Não queremos esgotar os profundos sentidos do não-valor em Dussel, portanto, basta indicar que a tese central apresentada aqui pelo autor, em seu embate com o marxismo cosmológico staliniano e com o marxismo ocidental da totalidade, é, por um lado, a identificação da exterioridade em Marx e, por outro, a reivindicação do caráter avançado das reflexões apresentadas nos *Grundrisse*, marcadas não apenas pelo delineamento da contradição trabalho morto-trabalho vivo mas também pela descoberta da categoria de mais-valor³² (Cf. Dussel, 2008), acompanhada do

objetividade é, de maneira igualmente imediata, não objetividade. Em outras palavras: não é uma objetividade situada fora da existência imediata do próprio indivíduo. 2) Trabalho não objetivado, não valor, concebido positivamente, ou negatividade referida a si mesma, ele é a existência não objetivada, logo, não objetiva, i.e., a existência subjetiva do próprio trabalho. O trabalho não como objeto, mas como atividade; não como valor ele mesmo, mas como a fonte viva do valor. [...] Portanto, de nenhuma maneira se contradiz a proposição de que o trabalho é, por um lado, a pobreza absoluta como objeto e, por outro, a possibilidade universal da riqueza como sujeito e como atividade, ou, melhor dizendo, essas proposições inteiramente contraditórias condicionam-se mutuamente e resultam da essência do trabalho, pois é pressuposto pelo capital como antítese, como existência antitética do capital e, de outro lado, por sua vez, pressupõe o capital.” (Marx, 2011, p. 364-365).

³² Apenas o observar desde a exterioridade permitiu a Marx descobrir a genial categoria de mais-valor, a sua contribuição intelectual central para a história do pensamento humano: “From the ‘exteriority’ of ‘living labor’ [...], from the transcendental poverty [...] of the person, subjectivity, corporeality, of the worker as ‘not-capital’ (*Nicht-kapital*), transcendental, then, with respect to the

juízo ético por excelência da injustiça que atravessa a exploração do trabalho vivo por meio de sua transformação em uma capacidade de trabalho subsumida à lógica do ser do capital e não remunerada de acordo com o valor que só ela é capaz de criar desde-o-nada. Assim, pode chegar a esta ousada ilação: “se *O Capital* não tivesse sido escrito, os *Grundrisse* já teriam postulado as questões essenciais”, já em sua primeira redação é perceptível “o momento criador fundamental na *produção teórica* de Marx” e sua descoberta essencial (Dussel, 2010, p. 17). Todo o resto, conseqüentemente, será tarefa de continuar, aprofundar e levar às últimas conseqüências essa epifania fundamental da exterioridade do trabalho vivo. Continuemos, portanto, nosso panorama sobre a trilogia, de modo a perceber os avanços identificados por esse Dussel que caminha lado a lado com os textos de Marx.

2.2 Exterioridade, ciência contra fetichismo e a produção de categorias como a de dependência

Na continuação de seu escrutínio das redações d’*O Capital*, Dussel publica em 1988 o segundo volume de sua analítica interpretação do projeto marxiano. Da análise dos manuscritos redigidos entre janeiro de 1859 e julho de 1863 -- o que significa a opção de inserir a *Contribuição à Crítica da Economia Política* dentro do bojo dos textos selecionados, em conjunto com os *Manuscritos de 1861-1863*, cuja principal publicação até hoje consiste no por Kautsky considerado livro IV d’*O Capital*, as *Teorias da Mais-valia* --, emerge a obra *Hacia un Marx desconocido: un comentario de los Manuscritos del 61-63*. Trata-se, em seu conjunto, de um primeiro momento no qual Marx já redige sua crítica da economia política com maior nitidez e percepção do caminho que será percorrido: basta lembrar que na *Contribuição* já decide começar sua exposição pelo valor (eis o problema da entrada de seu discurso [Dussel, 1988, p. 25-26]) e os *Manuscritos de 1861-1863* foram pensados inicialmente como um terceiro capítulo, que versaria sobre o capital em geral, depois de já terem sido abordados tanto a mercadoria (projetado capítulo um) quanto o dinheiro (capítulo dois) (Dussel, 1988, p. 18). Esse é um caminho que já guarda várias semelhanças com as escolhas presentes na obra definitiva. No entanto, o que mais interessa a Dussel não são tanto as continuidades aí já presentes, mas sim os momentos de dúvida, incerteza e novas empreitadas, isto é, o momento de construção do conceito por meio da confrontação de categorias da economia

‘totality’ of capital, the ‘living labor’ is ‘subsumed’ (‘subsumption’ is the transontological act par excellence that negates exteriority and incorporates ‘living labor’ into capital) in the ‘labor process.’ It is from this perspective that Marx, quickly, set himself the problem of how ‘surplus value’ (*Mehrwert*) appears and thereby discovered, for the first time in his life, the question of ‘surplus value’” (Dussel, 2001, p. 14).

política clássica. Aqui, o exemplo de Marx serve como guia para um marxismo criador que apreende a profundidade de seu método e o aplica para outros campos de análise e, em especial, outro contexto geopolítico específico: o latino-americano³³.

Se em *A produção teórica de Marx* a oposição era ao anti-hegelianismo althusseriano (isto é, defesa da tese de que o Marx maduro é o mais filosófico, o mais ético e o mais ontológico) e ao ontologismo dialético do marxismo ocidental (por meio da reivindicação da exterioridade do trabalho vivo no pensamento marxiano), agora desponta uma oposição ao cientificismo, seja do materialismo cosmológico ingênuo staliniano, seja do althusserianismo e de sua noção bachelardiana de ciência como ruptura com a ideologia (Dussel, 1988, p. 295), ou mesmo do cientificismo popperiano que é celebrado no ambiente acadêmico até hoje³⁴. Dussel afirma enfaticamente, portanto, que a noção de ciência em Marx significa o enfrentamento do fetichismo e não da ideologia³⁵ (até porque a o quefazer científico exige acoplamento ideológico às classes e grupos que guardam exterioridade à lógica implacável da totalidade do capital³⁶). Especificamente, o filósofo mendocino traz como exemplo fundamental o das *Teorias da Mais-Valia* e sua experiência de esboçar praticamente um pugilismo teórico no qual Marx se propôs a colocar suas categorias e descobertas radicalmente à prova por meio do

³³ “Este principio metódico es esencial para un pensamiento latinoamericano abierto a nuestra realidad histórica. No se trata de modificar los hechos para poder aplicar pretendidas categorías marxistas fuera de lugar o abstractas, sino de desarrollar las categorías necesarias para explicar nuestra realidad latinoamericana. Marx es una guía en este camino creador; es una exigencia de su propio método.” (Dussel, 1988, p. 52).

³⁴ “Si juzgáramos a Marx desde el sentido que tiene la ciencia ‘normal’, la ciencia en su sentido actual –por ejemplo, popperiano–, nada podríamos entender del ejercicio de la racionalidad científica en Marx. Si se pidiera un ‘resultado’ científico, en su sentido también actual, el intento de Marx no habría alcanzado a revolucionar, como lo ha hecho, la historia universal. Lo que él elaboró fue algo muy distinto y mucho más importante.” (Dussel, 1988, p. 285)

³⁵ “Debemos notar desde ahora que para Marx lo contrario a lo científico, dialéctico, correcto, es lo fetichizado, lo que considera como real o esencial lo meramente ‘aparente’, lo que se desprende de ‘la forma fetichista del capital (*Fetischgestalt des Capitals*)’ [...]. La oposición es ‘ciencia-fetichismo’ (y no ‘ciencia-ideología’), por lo menos en Marx mismo.” (Dussel, 1988, p. 218).

³⁶ Nas palavras de Dussel: “es necesaria la confrontación crítica; para probarse a sí mismo que su paradigma nacido genéticamente resiste el embate del antiguo paradigma científico-ideológico burgués -ya que toda ciencia, aun la de Marx, por supuesto, tiene siempre un componente ideológico, en cuanto no puede pretender, y es negado por hipótesis, ser el ‘saber absoluto’, la única ciencia sin ideología.” (Dussel, 1988, p. 113). Ou seja, a ciência de Marx não se afasta de toda ideologia (pode-se dizer que ela é menos ideológica, mas não livre de ideologia), uma vez que assume a tarefa de ser uma crítica dos oprimidos (Dussel, 2010, p. 226).

enfrentamento direto com toda a produção anterior concernente ao tema da economia política³⁷.

Eis a maneira como Dussel sintetiza sua descoberta sobre a noção de ciência em Marx, sempre conectando-a com aquele fio de Ariadne vermelho descoberto desde a revelação do trabalho vivo nos *Grundrisse*:

El proceso de fetichización (o no-ciencia) será un progresivo alejamiento del “trabajo vivo”, no comprender ya la relación del “sistema de las categorías” con el trabajo vivo. Marx, por el contrario, concibe en este caso la ciencia económica como el “desarrollo genético” del concepto de trabajo vivo; desde allí no sólo realiza la “crítica general” de todas las categorías ya constituidas sino que también constituye sus propias categorías, explicando unas a partir de las otras, sin saltos, y sin dejar de cumplirse la ley del valor. Se trata del “desarrollo” del concepto de capital desde la “crítica” -efectuada desde la exterioridad o desde el no capital- operada a partir del “trabajo vivo” (Dussel, 1988, p. 228).

Assim, destacamos os seguintes elementos da noção de ciência marxiana apontada por Dussel: 1) trata-se da “crítica transcendental, fundamental, da matriz de toda economia política possível”; 2) emerge do desenvolvimento do conceito de trabalho vivo em uma arquitetônica lógica³⁸ e “sem saltos”; 3) constitui categorias (em dimensão ôntica, isto é, no campo do ente e não do Ser) voltadas à explicação desse sistema; 4) desnuda eticamente toda economia possível e declara a perversidade do capitalismo; e 5) volta-se ao objetivo de insuflar a consciência político-revolucionária do proletariado (Dussel, 1988, p. 286).

Com essa apreensão do método científico empregado por Marx, Dussel pôde então, nos capítulos finais de sua obra -- sempre os momentos reservados para

³⁷ O central era “confrontar sus hallazgos realizados hasta marzo de 1862, las categorías ya construidas (esencialmente la de plusvalor), críticamente, con las estructuras categoriales de los economistas burgueses anteriores más importantes y relevantes. Era una confrontación genética entre paradigmas: el de las estructuras categoriales nacientes y crecientes de Marx mismo, con las de los clásicos u otros, de la economía vigente. [...] Era en realidad una ‘crítica’. Era un compulsar, probar, lanzar sus hipótesis y considerar la capacidad de responder, de poner a prueba a los otros economistas, y a sí mismo. Con esta puja, casi lucha de pugilato teórico, Marx no sólo comprobará la fuerza, la resistencia de sus categorías construidas, sino que se verá obligado a ir constituyendo nuevas categorías. Esta confrontación crítica de teorías, de categorías (ni historia ni teoría propiamente dichas del plusvalor, entonces), fue de suma importancia en la biografía intelectual de Marx.” (Dussel, 1988, p. 111).

³⁸ Quando nos referimos a uma “arquitetônica”, inspiramo-nos principalmente na interpretação de Ludovico Silva sobre a arquitetônica kantiana como um procedimento de concatenamento lógico dos conceitos em direção a algo (entenda-se esse algo não como um fim teleológico, mas sim como uma apreensão da totalidade já antevista pela pesquisa) que se contrapõe à técnica, entendida como uma mera reprodução dos acontecimentos conforme aparecem ao olho nu, quase cronologicamente (Silva, 1975, p. 29-31).

suas reflexões mais autorais e menos dedicadas a acompanhar o desenvolvimento arqueológico do texto dos manuscritos --, não apenas sintetizar a ciência marxiana como desvelar do fetichismo desde a exterioridade do trabalho vivo (permitindo o discernir entre aparência e essência), mas aplicar essa lógica analética a um tema teórico de discussão central para a filosofia da libertação: o da teoria da dependência. Aqui temos uma manifestação de sua rigorosidade metódica levada às últimas consequências, o que culmina em um questionamento da teoria de Marini (reconhecido como o melhor dependentista por Dussel, uma vez que é o que absorveu mais integralmente as categorias marxianas) por meio da reivindicação da transferência de valor das periferias aos centros como o fundamento essencial da categoria de dependência³⁹, além da proposição de que seria necessário recomeçar todo o discurso dependentista do zero, aplicando os princípios metódicos delineados por Marx, isto é, seria praticamente a tarefa de construir um novo *O Capital* sobre o tema específico da dependência centro-periferia no mercado mundial, indo do abstrato ao concreto, do simples ao complexo sem saltos e mudanças bruscas de níveis de abstração.

2.3 Polêmicas entre totalidade e exterioridade e a libertação latino-americana desde a fome do povo

Na última parte da trilogia por nós apresentada, Dussel dedica-se à terceira e à quarta redações d'*O Capital*. No caso, trata-se dos *Manuscritos de 1863-1865* (dos quais só foram encontrados o editorialmente denominado *Capítulo VI Inédito*), do texto mesmo do livro I d'*O Capital*, dos rascunhos e manuscritos que

³⁹ Para Dussel, a dependência em sua fundamentalidade abstrata mais radical distingue-se pelas transferências de valor via intercâmbio desigual decorrentes da concorrência dentro do mercado mundial entre capitais nacionais cujas composições orgânicas são diferentes. Aqui, a superexploração da força de trabalho aparece como uma dimensão fundada ou no-campo-da-expressão da dependência: ela é uma consequência e uma resposta à troca desigual e, conseqüentemente, não é o fundamento essencial da relação de dependência (Dussel, 1988, p. 312-361; Kuntz Ficker, 1985, p. 135-136). Marini (2008a, p. 163) não pôde responder às críticas de Dussel, mantendo que “el fundamento de la dependencia es la superexplotación del trabajo”. Não temos nem o espaço e nem pesquisas suficientes para elaborar uma síntese definitiva sobre essa questão. Parecem-nos corretas, no entanto, as leituras que não delimitam um vencedor definitivo na discussão Dussel-Marini: há entre os dois uma diferença de ênfase e de foco (Silva, 2017). Desse modo, podemos subscrever a percepção de que, quando nos deparamos diante da relação entre capitais nacionais no mercado mundial, há de se reconhecer como fundamento da dependência a troca desigual; quando estamos diante das relações nacionais-internas de produção, o fundamento não nos pode ser outro que a superexploração. Logo, ambos os momentos são fundamentos da dependência (Pazello, s. d.). A título de curiosidade, para um argumento que inverte a percepção dusseliana, isto é, que apresenta a superexploração como fundamento da troca desigual (onde a superexploração é o *mecanismo* da dependência, a troca desigual é o *input* ativador desse mecanismo e a deterioração dos termos de troca é o seu fenômeno efetivo), Cf. Leite; Alves, 2022, p. 18-19.

posteriormente seriam publicados postumamente como livros II e III e das ulteriores mudanças e novas edições realizadas pelo próprio Marx. Além disso, aborda-se o momento de aproximação marxiana ao populismo russo (empreitada que irritou Engels, por postergar indefinidamente o trabalho de redação dos próximos livros planejados por seu parceiro) e os significados dessa visão integral do legado da crítica da economia política para a América Latina.

Nesse sentido, Dussel não deixa de indicar que os desenvolvimentos marxianos desse momento constituem o ápice de toda sua teoria, ou seja, um discurso polidamente refinado e que apresenta sua apreensão do Ser do capital com maestria. Trata-se, no entanto, da oportunidade em que Dussel mais se permite afastar-se do texto mesmo de Marx e inserir-se em disputas teóricas contemporâneas sobre o legado do marxismo para a América Latina do início da década de 1990, que despontava como foco de esperança anticapitalista, uma vez que a pujança da Revolução Sandinista contrastava radicalmente com a decadência soviética durante a *perestroika*.

Dessas discussões, destacamos a sua apresentação de um “último Marx”, que teria sofrido uma “virada” intelectual diante da discussão da questão russa⁴⁰,

⁴⁰ Como exemplo de investigações latino-americanas sobre o debate de Marx diante do populismo russo, destaca-se o pioneirismo de José Aricó, que editou as respostas de Marx a Vera Zasulich (Marx; Engels, 1980), integrou-as a sua reflexão sobre um Marx na América Latina (Aricó, 2009, p. 109-110) e, em sua introdução a uma compilação da recepção da obra de Mariátegui pelo pensamento marxista, dissecou como o comunista peruano foi acusado de populista por teóricos soviéticos em decorrência de seu posicionamento sobre os povos indígenas peruanos, posição esta defendida por Aricó como a única condizente com as leituras de Marx sobre a Rússia (Aricó, 1978, p. XXXVI-XLIII). Inclusive, Dussel utiliza-se da edição de Aricó como versão em castelhano da carta de Marx a Zasulich (Dussel, 1990, p. 238) e realiza a conexão entre o apoio de Marx aos populistas russos e o socialismo indigenista de Mariátegui (Dussel, 1990, p. 283; Aricó, 1978, p. XXXVI-XLIII). No entanto, é importante indicar que há um profundo processo de resgate de um Marx não-etnocêntrico a partir de suas intervenções contra o colonialismo em seu ofício de periodista, de seu contato e interlocução com o populismo russo e de suas leituras da nascente antropologia moderna (com destaque para Morgan e Kovalevsky). Em línguas anglófonas, esse resgate teve início com a edição dos *Manuscritos Etnológicos* por Lawrence Krader em 1972 (Marx; Krader, 1974), com o clássico de Teodor Shanin sobre a via russa, publicado em 1983 (Shanin, 2017), e com o capítulo *The Last Writings of Marx Point a Trail to the 1980s* de Raya Dunayevskaya, em livro publicado em 1981 (Dunayevskaya, 1981), que criticou Krader em defesa de Marx e serviu de inspiração para o livro de Kevin B. Anderson, *Marx nas Margens* (Anderson, 2019). Em espanhol, destacamos a já mencionada compilação de Aricó (Marx; Engels, 1980) e, particularmente, os esforços de interpretação de Álvaro García Linera, que incluem seu livro *Forma Valor y Forma Comunidad* (García Linera, 2009a) e as compilações *Comunidad, nacionalismos y capital* (Marx, 2018) e *Escritos sobre la Comunidad Ancestral* (Marx, 2015). Em língua portuguesa, para além das traduções já mencionadas de Anderson e Shanin (bem como a ainda não mencionada obra *O Velho Marx*, de Marcello Musto [2018a]), há que destacar a publicação dos escritos sobre a Rússia (Marx; Engels, 2013) e, entre os esforços de interpretação, a leitura clastreana de Marx empreendida por Tible (2013). Para um panorama de obras que resgatam um Marx crítico do colonialismo, Cf. Pazello, s. d.

abandonando, portanto, uma visão unilateral da história. Assim, esta seria uma versão do filósofo alemão que politicamente⁴¹ acoplaria-se perfeitamente às tarefas revolucionárias de uma América Latina que dependeria da revolução socialista para libertar-se da dependência dos centros mundiais. Logo, a intenção de Dussel é a de percorrer tanto o marxismo latino-americano quanto o assim-chamado marxismo ocidental (cuja crise desemboca na disseminação dos pós-marxismos) para reivindicar um *Nuestro Marx* que continua válido, um materialista produtivo que fala desde as necessidades vitais da população miserável do subcontinente e que de modo algum é o mesmo que o que estava em crise na Europa (Dussel, 1990, p. 268).

Portanto, o aprofundamento dusseliano nos *Manuscritos de 1863-1865* e nas redações finais d'*O Capital* é feito de maneira sintética e maior parte de sua pena é gasta com um resgate do marxismo latino-americano⁴², com uma discussão direta com o marxismo ocidental que ou reduz Marx a Hegel, transformando-o em um pensador da totalidade⁴³, ou, com a intenção de livrar-se deste, amputa elementos centrais do Marx antropológico, ético e filosófico d'*O Capital*⁴⁴, e, enfim, com um esforço de síntese geral da teoria de Marx e de sua recepção do legado hegeliano

⁴¹ A ênfase no “politicamente” é aqui necessária, uma vez que os antigos posicionamentos de Marx sobre a unilinearidade da história (mesmo que seja uma unilinearidade complexa, tal como nos mostram os *Grundrisse*, e não o teleologismo linear simplista do materialismo dialético) estariam em um nível de concretude e de intervenção política iminente. Quando se fala, por exemplo, sobre *O Capital*, estamos em um plano de abstração completamente diferente (o do capital em geral) e, conseqüentemente, Marx ainda não teria tocado nesses temas de um caminho histórico específico. Ou seja, a ruptura e virada resumiram-se ao “nível histórico, concreto”, e, conseqüentemente, “el nivel esencial, en donde se encuentra abstractamente el discurso de *El capital*, no es cuestionado en absoluto” (Dussel, 1990, p. 260).

⁴² A interpretação de Dussel (1990, p. 268-293, especialmente p. 275) coincide em muitos momentos com a de Löwy (2012). De diferente, para além de uma explicação marcadamente filosófica (pense-se por exemplo na sua apreensão criativa de Guevara e das implicações de uma subjetividade revolucionária que parte da fome do povo), traz a introdução de um período anterior à Revolução Russa (meados do XIX a 1919), quando o marxismo ainda estava imiscuído ao socialismo utópico, ao positivismo, ao anarcossindicalismo, etc. No entanto, mantém a ênfase no marxismo revolucionário pós-1917 (com destaque para Mariátegui), atrapalhado pelo período do frentismo, que ossificou o padrão criador do marxismo, e revigorado, em quarta fase, posteriormente pela experiência da Revolução Cubana e da Revolução Sandinista.

⁴³ Neste sentido, Cf. Dussel, 1990, p. 297-333. Em especial, essa análise pode ser aplicada à sua leitura de Kosik, Lukács e Marcuse como autores que captam com propriedade o caráter ontológico do pensamento marxiano (em especial a dinâmica da totalidade), mas que falham em identificar o papel da exterioridade na obra do filósofo da práxis alemão.

⁴⁴ Nessa esteira, a proposta de Dussel evoca a seguinte “hipótese de leitura antialthusseriana”: “no hubo ruptura en 1845, y si la hubo, debe situársela en 1857, y hubiera sido debida a la utilización de una ‘problemática’ estrictamente filosófico-hegeliana.” Isto é, rechaça-se a cisão epistemológica entre o jovem e o velho Marx, mas diz que, se houve algo similar a uma ruptura, esta deu-se com o início das redações de sua crítica da economia política e culminaram em um Marx mais ontológico, mais filosófico e mais ético (Dussel, 1990, p. 315).

(um passo necessário para afirmar a arqueoanalética marxiana, no qual se destaca a discussão sobre o núcleo racional de sua teoria e a matriz generativa), de modo a referendar a sua intuição inicial já destacada na análise dos *Grundrisse*: a crítica da economia política não é apenas *uma* ética, mas sim *a* ética mais fundamental escrita na modernidade para lidar com os desafios oriundos do processo de valorização do valor e de acumulação do capital. Uma ética que replica vários elementos da fenomenologia hegeliana (o Ser como totalidade que se desdobra em entes, por exemplo), mas o faz desde a ruptura de uma exterioridade ao Ser que, por sua vez, também é a fonte criadora⁴⁵ desde-o-nada de todo esse movimento (valorização do valor) da economia política: o trabalho vivo como duplicidade entre pobreza e potencialidade (Dussel, 1990).

Não é à toa, portanto, que Dussel passe a parte final de seu trabalho em uma defesa apaixonada do legado marxiano para a América Latina: cabe justamente a esse argentino-mexicano tachado de antimarxista por seus conterrâneos⁴⁶ a afirmação enfática de que “¡Marx no es un perro muerto!” (Dussel, 1990, p. 338), contrapondo-se imediatamente aos modismos pós-marxistas que começavam a pulular pelas universidades latino-americanas. Logo, também não é acidental que, ao reivindicar um marxismo sandinista-farabundista, Dussel termine sua trilogia não apenas com a mais ousada de suas proposições (*O Capital* é uma ética), mas ancorando-a à práxis de libertação latino-americana de um Che Guevara (1995, p. 296), cuja proposição de que a luta socialista está fundada na “fome do povo” é utilizada para finalizar a obra *El último Marx y la Liberación Latinoamericana* (Dussel, 1990, p. 449).

⁴⁵ Sobre esse tema, Dussel teve a oportunidade de debater com Chris Arthur (2003), um importante filósofo britânico que, dentro do contexto de renovação da teoria marxista via MEGA-2 e Novas Leituras de Marx, elaborou a proposta de uma dialética sistemática desde a lógica de Marx n’*O Capital*. Especificamente, o autor europeu mostra-se reticente em aceitar o protagonismo de Schelling nesta identificação da exterioridade marxiana. Dussel, por sua vez, concorda que a teologia schellingiana não foi a única “fonte” dessa virada, mas aduz que ele mesmo já tinha apontado a incontornabilidade de Feuerbach para que ocorresse essa mediação (Cf. especialmente como no livro final da trilogia Dussel interpreta a cegueira de Habermas diante da exterioridade como decorrente de sua não-apreensão de Feuerbach, mesmo sendo ávido leitor de Schelling e da tradição filosófica judia [Dussel, 1990, p. 320-329]). Nesse sentido, Cf. Dussel, 2009.

⁴⁶ No caso, a mais marcante para Dussel foi certamente a crítica de Cerutti. Cf. Cerutti, 2006, p. 66-78. É curioso notar que as admoestações ceruttianas à apreensão de Marx realizada pela filosofia latino-americana utiliza um padrão semelhante à reação de Dussel ao pós-marxismo: há “anhelo de moda por ‘superar’ a Marx”, mas “casi siempre de una lectura estática de Marx y, por ende, ahistórica, en el sentido de que se niega o ignora la noción de ‘proceso’ que está presente en los textos” (Cerutti, 2006, p. 165). Perceba-se a ironia de que Dussel, deparando-se com Marx, buscou enfatizar tanto a noção do ser do capital como processo, como movimento, como circulação ontológica do sangue do mais-valor!

Considerações finais

A partir dos esforços de pesquisa realizados, conseguimos realizar uma contextualização panorâmica das principais intenções que motivaram a redação dusseliana de sua trilogia sobre a crítica da economia política. Apesar dos limites inerentes a todo diagnóstico ainda tão superficial sobre os textos em questão -- particularmente, abre-se ainda a necessidade de verticalizar elementos como, por exemplo, a leitura da forma-valor de Dussel ou mesmo sua discussão sobre as categorias da teoria marxista da dependência --, foi possível perceber que as obras em questão estão associadas a um contexto de crítica do marxismo dogmático que, na América Latina, fundou-se desde a fusão do materialismo cosmológico ingênuo do *diamat* com versões esquematizadoras do althusserianismo, tornado também um cientificismo.

Além disso, encontraram-se elementos para identificar as condições políticas (exílio decorrente da perseguição política na Argentina e envolvimento em um México que, recebendo intelectuais expulsos das ditaduras de seus países natais, tinha o marxismo como linguagem compartilhada) e materiais (mormente a ausência de acesso direto à sua biblioteca pessoal, danificada por um atentado a bomba e abandonada momentaneamente em sua cidade) que fizeram com que Dussel se empenhasse em realizar o necessário acerto de contas com a obra de Marx.

A partir disso, visualizamos também como a leitura de Marx realizada pelo filósofo argentino mexicano assume contornos de uma verdadeira revelação: rememore-se especialmente sua descrição do contato com a exterioridade do trabalho vivo nos *Grundrisse* como uma experiência sinestésica e impactante, comparável apenas, quiçá, à sua experiência em Israel sob influência de Paul Gauthier. Assim, seu discurso desponta como uma defesa obstinada da filosofia da libertação em diálogo aberto com um Marx analógico que serve como inspiração para a luta popular na América Latina, com destaque para o sandinismo-farabundismo de seu tempo. Como ele mesmo argumenta, o “novo” Marx descoberto nos manuscritos preparatórios d’*O Capital* é, ao mesmo tempo, o Marx autêntico e aquele que pode inspirar as lutas de libertação na América Latina.

Nesse sentido, não nos parece exagerado constatar que o pensamento de Dussel, em sua trilogia, emerge como um autêntico marxismo criativo latino-americano, capaz de conjugar o que há de mais rigoroso teoricamente na interpretação do texto marxiano (com destaque para uma leitura filológica, cuidadosa e linha a linha dos manuscritos inéditos que começaram a ser revelados pela MEGA-2), que culmina em uma leitura filosoficamente profunda das formas do capital, com um

com um engajamento político nas lutas práticas anticoloniais e descoloniais na América Latina, tal como sua vinculação às experiências da Revolução Cubana e da Revolução Sandinista nos permitem perceber.

Referências

ANDERSON, Kevin B. *Marx nas Margens: nacionalismo, etnias e sociedades não ocidentais*. São Paulo: Boitempo, 2019.

ARDILES, Osvaldo; ASSMANN, Hugo; DUSSEL, Enrique, et. al. *Hacia una filosofía de la liberación latinoamericana*. Buenos Aires: Editorial Bonum, 1973.

ARICÓ, José. Introducción. Em: Aricó, José (comp.). *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*. México, D. F.: Siglo XXI Editores, 1978.

ARICÓ, José. *Marx y América Latina*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 2009.

ARTHUR, Christopher J. Towards an Unknown Marx: A Commentary on the Manuscripts of 1861-3 [Resenha da obra]. *Historical Materialism*, Leiden, v. 11, n. 2, p. 247-263, 2003.

ATKINSON, Paul; COFFEY, Amanda. "Analysing documentary realities". Em: SILVERMAN, David (ed.). *Qualitative research: theory, method and practice*. 2. ed. Londres: SAGE Publications, 2004, p. 56-75.

BAMBIRRA, Vânia. *La Revolución Cubana: una reinterpretación*. México, D. F.: Editorial Nuestro Tiempo, 1974.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BOITO JUNIOR, Armando. *Estado, política e classes sociais: ensaios teóricos e históricos*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

BURGOS, Raúl. *Los gramscianos argentinos: cultura y política en la experiencia de 'Pasado y Presente'*. Buenos Aires: Siglo XXI de Argentina Editores, 2004.

CARBONARI, Paulo César. Breve apresentação de Enrique Dussel. Em: CARBONARI, Paulo César (org.); COSTA, José André da (org.); MACHADO, Lucas (org.). *Filosofia e libertação: homenagem aos 80 anos de Enrique Dussel*. Passo Fundo: IFIBE, 2015.

CERUTTI, Horacio. *Filosofia de la liberación latinoamericana*. 3. ed. corr. aum. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 2006.

DEBRAY, Régis. *Revolution in the revolution? Armed Struggle and Political Struggle in Latin America*. Nova York: Grove Press, 1967.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX*. Tomo II. Desde la CEPAL al neoliberalismo (1950-1990). Buenos Aires: Biblos, 2003.

DUNAYEVSKAYA, Raya. *Rosa Luxemburg, women's liberation and Marx's philosophy of revolution*. Londres: Harvester Press, 1981.

DUSSEL, Enrique. El método analéctico y la filosofía latinoamericana. Em: ARDILES, Osvaldo; ASSMANN, Hugo; DUSSEL, Enrique, et. al. *Hacia una filosofía de la liberación latinoamericana*. Buenos Aires: Editorial Bonum, 1973, p. 112-137.

DUSSEL, Enrique. *Método para una filosofía de la liberación*. Salamanca: Sígueme, 1974.

DUSSEL, Enrique. *Introducción a una filosofía de la liberación latinoamericana*. México, D. F.: Extemporáneos, 1977.

DUSSEL, Enrique Domingo. *Hacia un Marx desconocido: un comentario de los Manuscritos del 61-63*. México, D.F.: Siglo Veintiuno Editores; Iztapalapa, 1988.

DUSSEL, Enrique. *El último Marx (1863-1882) y la liberación latinoamericana*. México, D. F.: Siglo XXI, 1990.

DUSSEL, Enrique. Una década argentina (1966-1976) y el origen de la filosofía de la liberación. Em: Dussel, Enrique. *Historia de la filosofía y la filosofía de la liberación*. Bogotá: Editorial Nueva América, 1994a, p. 55-96.

DUSSEL, Enrique. Filosofía, aparatos hegemónicos y exilio. Em: Dussel, Enrique. *Praxis latinoamericana y filosofía de la liberación*. Bogotá: Editorial Nueva América, 1994b, p. 100-116.

DUSSEL, Enrique. Autopercepción intelectual de un proceso histórico. *Anthropos*, Barcelona, n. 180, p.13-36, 1998.

DUSSEL, Enrique. The four drafts of Capital: Toward a new interpretation of the dialectical thought of Marx. *Rethinking Marxism*, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 10-26, 2001.

DUSSEL, Enrique. The discovery of the category of surplus value. Em: MUSTO, Marcello (ed.). *Karl Marx's Grundrisse: Foundations of the critique of political economy 150 years later*. Londres, Nova York: Routledge, 2008, p. 67-78.

DUSSEL, Enrique. El trabajo vivo fuente creadora del plusvalor (Dialogando con Christopher Arthur). *Revista Herramienta*, Buenos Aires, 2009. Disponível em: <<https://www.herramienta.com.ar/el-trabajo-vivo-fuente-creadora-del-plusvalor-dialogando-con-christopher-arthur>>. Acesso em 03 jul. 2023.

DUSSEL, Enrique. *La producción teórica de Marx*. Un comentario a los Grundrisse. Caracas: El Perro y la Rana, 2010.

DUSSEL, Enrique. *16 tesis de economía política: interpretación filosófica*. México, D. F.: Siglo XXI Editores, 2014.

ECHEVERRÍA, Bolívar. *Valor de uso y utopía*. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editores, 1998.

ECHEVERRÍA, Bolívar. *Definición de la cultura*. 2. ed. México, D. F.: Editorial Itaca, 2010.

FLICK, Uwe. Utilização de documentos como dados. Em: Flick, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 230-237.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GARCÍA LINERA, Álvaro. *Forma valor y forma comunidad: aproximación teórica-abstracta a los fundamentos civilizatorios que preceden al Ayllu universal*. La Paz: Muela del Diablo Editores, 2009.

GELMAN, Juan. *Poesía reunida*. Tomo I. 1956-1980. Buenos Aires: Seix Barral, 2012.

GUEVARA, Ernesto Che. Cuba: Excepción histórica o vanguardia en la lucha anticolonialista? Em: MARINI, Ruy Mauro (comp.); MILLÁN, Mátgara (comp.). *La Teoría Social Latinoamericana*. Tomo III. La Centralidad del Marxismo. México, D. F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 1995.

HARNECKER, Marta. *Los conceptos elementales del materialismo histórico*. México, D. F.: Siglo XXI Editores, 1969.

HINKELAMMERT, Franz J. *El subdesarrollo latinoamericano: un caso de desarrollo capitalista*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1970.

HINKELAMMERT, Franz J. *Dialéctica del desarrollo desigual*. 2. ed. San José: EDUCA, 1983.

HINKELAMMERT, Franz J. *La deuda externa de América Latina: el automatismo de la deuda*. 3. ed. San José: DEI, 1990.

HINKELAMMERT, Franz J. *Crítica de la razón utópica*. ed. ampl. e rev. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2002.

ILLADES, Carlos. *El marxismo en México: una historia intelectual*. México, D. F.: Taurus, 2018.

KOHAN, Néstor. *Marx en su (tercer) mundo: hacia un socialismo no colonizado*. 2. ed. corr. aum. Havana: Centro de Investigación y Desarrollo de la Cultura Cubana Juan Marinello, 2003.

KUNTZ FICKER, Sandra. *Presupuestos metodológicos de la cuestión de la dependencia en Marx (en los Grundrisse y El capital)*. México, D.F.: Facultad de Ciencias Políticas y Sociales (Tesis de licenciatura) de UNAM, 1985.

LEITE, Leonardo; ALVES, Matheus. Troca desigual, deterioração dos termos de troca e superexploração: quais os nexos causais? In: *Anais do XXVII Encontro Nacional de Economia Política 2022*. Uberlândia, Sociedade Brasileira de Economia Política, 2022.

LÖWY, Michael. *Georg Lukács: from Romanticism to Bolshevism*. Londres: New Left Books, 1979.

LÖWY, Michael (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012.

LUDWIG, Celso Luiz. Por Marx e além de Marx: crítica do capitalismo em Dussel. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 1840-1870, 2018.

MARINI, Ruy Mauro. Dialéctica de la dependencia. Em: MARINI, Ruy Mauro; MARTINS, Carlos Eduardo (comp.). *América Latina, dependencia y globalización*. Bogotá: CLACSO y Siglo del Hombre Editores, 2008a, p. 107-150.

MARINI, Ruy Mauro. Las razones del neodesarrollismo (respuesta a F. H. Cardoso y J. Serra). Em: MARINI, Ruy Mauro; MARTINS, Carlos Eduardo (comp.). *América Latina, dependencia y globalización*. Bogotá: CLACSO y Siglo del Hombre Editores, 2008c.

MARTÍN, Patricia González San. La filosofía de la liberación de Enrique Dussel Genealogía de un ejercicio teórico en/para América Latina. *Estudios de Filosofía Práctica e Historia de las Ideas*, Mendoza, v. 21, n. 1, 2019.

MARX, Karl. *Grundrisse: Manuscritos Econômicos de 1857-1858*. Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011, [livro eletrônico em formato .pdf].

MARX, Karl. *Escritos sobre la comunidad ancestral*. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolivia, 2015.

MARX, Karl. *Comunidad, nacionalismos y capital: textos inéditos*. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolivia, 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Escritos sobre Rusia*. II. El porvenir de la comuna rusa. México, D. F.: Ediciones Pasado y Presente, 1980.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Lutas de classes na Rússia*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; KRADER, Lawrence (ed.). *The ethnological notebooks of Karl Marx: studies of Morgan, Phear, Maine, Lubbock*. 2. ed. Assen: Van Gorcum & Comp. B. V., 1974.

MATOS, Hugo Allan. *Uma introdução à Filosofia da Libertação latino-americana de Enrique Dussel*. Livro eletrônico gerado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação de Daniel Pansarelli. São Paulo, 2008.

MENDIETA, Eduardo. Política en la era de la globalización: crítica de la razón política de E. Dussel. Em: DUSSEL, Enrique. *Hacia una filosofía política crítica*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2001, p. 15-42.

MENDIETA, Eduardo. Introduction. Em: DUSSEL, Enrique; Mendieta, Eduardo (ed.). *Beyond philosophy: ethics, history, Marxism, and liberation theology*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2003, p. 1-20.

MENDIETA, Eduardo; ALLEN, Amy. Introduction. Em: ALLEN, Amy (ed.); Mendieta, Eduardo (ed.). *Decolonizing Ethics: The Critical Theory of Enrique Dussel*. University Park: The Pennsylvania State University Press, 2021, p. 1-21.

MILLS, Frederick B. *Enrique Dussel's Ethics of Liberation: An Introduction*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2018.

MUSTO, Marcello. *O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881-1883)*. São Paulo: Boitempo, 2018a.

NAVES, Márcio Bilharinho. Entrevista com Prof. Dr. Márcio Bilharinho Naves. *Discenso: Revista de graduação do PET-Direito-UFSC*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 19-24, 2009.

ORTEGA, Jaime. "El cerebro de la pasión": Althusser en tres revistas mexicanas. *Revista Izquierdas*, [s. l.], n. 25, p. 143-164, 2015.

ORTEGA, Jaime. *Leer El Capital, teorizar la política: contrapunteo de la obra de Enrique Dussel y Bolívar Echeverría en tres momentos*. México, D. F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 2018a.

ORTEGA, Jaime. La importancia del comienzo: Louis Althusser, la crítica de la ideología y el zapatismo. *Kamchatka: Revista de Análisis Cultural*, [s. l.], n. 12, p. 39-57, 2018b.

ORTEGA, Jaime. Foucault + Althusser. Apuntes sobre su recepción en México. *Dorsal: Revista de Estudios Foucaultianos*, [s. l.], n. 9, p. 103-122, 2020.

PAZELLO, Ricardo Prestes. Descolonizar o marxismo, materializar o giro descolonial: a centralidade da crítica marxista à dependência. NASCIMENTO, Adriano (org.); RECHEMBACH, Fabiana (org.); FIDELIS, Thays (org.). *Capitalismo Dependente e Revolução Socialista na América Latina: o Legado de Vânia Bambirra*. Alagoas, São Paulo: Edufal/Expressão Popular, [s. d.], no prelo.

PAZELLO, Ricardo Prestes; MOTTA, Felipe Heringer Roxo da. Libertação e emancipação: uma revisão conceitual para a América Latina. *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD*, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 116-143, 2013.

PISTELLI FERREIRA, Pedro Pompeo. *Acender fagulhas de insurgência comunitária na escuridão: elementos para uma crítica da forma-valor e da forma jurídica desde Dussel, Echeverría e García Linera*. Tese (Doutorado em Direito) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Jurídicas, Programa de Pós-graduação em Direito. Curitiba, 2024.

RIBAS, Pedro; LEÓN, Rafael Pla. [Dissemination and reception of Grundrisse in] Cuba, Argentina, Spain and Mexico. Em: MUSTO, Marcello (ed.). Em: MUSTO, Marcello (ed.). *Karl Marx's Grundrisse: Foundations of the critique of political economy 150 years later*. Londres, Nova York: Routledge, 2008, p. 236-239.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. *Ciencia y revolución: el marxismo de Althusser*. 2. ed. México, D. F.: Grijalbo, 1982.

SHANIN, Theodor. *Marx tardio e a via russa: Marx e as periferias do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

SILVA, Ludovico. *El estilo literario de Marx*. 2. ed. México, D. F.: Siglo Veintiuno Editores, 1975.

SILVA, Lucas Trindade. Em torno da crítica de Enrique Dussel à dependência em Ruy Mauro Marini. *Realis*, Recife, n. 1, p. 125-147, 2017.

SILVERMAN, David. *Interpreting qualitative data*. 5. ed. Londres: SAGE Publications, 2015, [edição virtual em formato .epub].

STÁLIN, Iosif. O materialismo dialético e o materialismo histórico. Em: STÁLIN, Josif; NETTO, José Paulo (org.). *Joseph Stalin: política*. São Paulo: Ática, 1982, p. 127-157.

TERUEL, Flavio. *Un Marx para nuestra América: La producción e interpretación filosófica de Enrique Dussel a partir de El capital y sus escritos preparatorios*. 2016. 323 f. Tesis (Magíster en Estudios Latinoamericanos) Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2016.

TIBLE, Jean. *Marx selvagem*. São Paulo: Annablume, 2013.

WOLFF, Stephan. "Analysis of documents and records". Em: Flick, Uwe (ed.); KARDOFF, Ernst von (ed.); STEINKE, Ines (ed.). *A companion to qualitative research*. Londres: SAGE Publications, 2004, p. 284-289.

Sobre o autor

Pedro Pompeo Pistelli Ferreira

Doutor em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Nota

O presente trabalho é resultado de pesquisa de doutorado vinculada ao PPGD da UFPR, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Além disso, vincula-se às pesquisas do Núcleo de Direito Cooperativo e Cidadania e do Centro de Investigações em Economia Política, Movimentos Populares e Direito Insurgente na América Latina (CIEMPRE InSUR).